BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5906
Data 26/01/00

Turma- 1999/2 Ex 01

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A intertextualidade a partir de um passeio ao mundo encantado de "O Picapau Amarelo"

RAQUEL MARTINS SILVA

S586i

PONTES E LACERDA - MT
1999

RAQUEL MARTINS SILVA

A intertextualidade a partir de um passeio ao mundo encantado de "O Picapau Amarelo"

Ensaio monográfico apresentado para a Graduação do Curso de Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas.
Orientadora: Ediliane Gonçalves.

PONTES E LACERDA - MT
1999

"No dia em que o nosso planeta ficar inteirinho como é o sítio, não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade"

Monteiro Lobato.

Agradeço a Deus por ter-me proporcionado a cada dia forças para firmar minha criatividade na realização deste trabalho com a colaboração de minha colega Suelaine e todos aqueles que contribuiram na elaboração deste trabalho.

Dedico este Ensaio Monográfico à Maria das Graças Martins, minha mãe a quem devo agradecimentos por todos os momentos de minha vida.

SUMÁRIO

1. Apresentação 06
2. Fundamentação Teórica 08
3. As Relações Intertextuais Presente Na Obra "O Picapau Amarelo" de Monteiro Lobato..... 14
4. Considerações Finais 41
5. Bibliografia 43

Campus Universitário de Alto Araguaia - MT
BIBLIOTECA

APRESENTAÇÃO

Pretendo, através deste estudo, fazer uma leitura da intertextualidade na obra "O Picapau Amarelo" de Monteiro Lobato. Como já se tornou amplamente conhecida, a questão da intertextualidade apareceu como uma preocupação por parte de muitos estudiosos. Sendo que uma das primeiras referências feitas à intertextualidade surgiu com o teórico soviético Mikhail Bakhtin, o qual denomina tal acontecimento como dialogismo. E que mais tarde, Júlia Kristeva, uma integrante da crítica francesa propõe o termo intertextualidade sobre o conceito de dialogismo desenvolvido por M. Bakhtin anteriormente.

Dessa forma, buscarei analisá-la no contexto de "O Picapau Amarelo", considerando que um texto só se torna significativo através das relações que estabelece com outros textos.

Depois de ter lido outras obras de Monteiro Lobato, pude constatar que ele soube utilizar a intertextualidade de forma tão simples e divertida para crianças e adultos que desejam viajar, aprender e descobrir as maravilhas do mundo encantado.

Diante dessas leituras, foi que decidi analisar a obra "O Picapau Amarelo", para saber mais sobre a riqueza intertextual que se faz presente em toda obra.

A seqüência da análise que proponho nessa obra, é a de me deter especificamente em dois aspectos a serem trabalhados a intertextualidade, sendo eles: a presença do personagem "Dom Quixote de La Mancha" de Miguel de Cervantes e alguns personagens da Mitologia Grega, para assim confirmar que Monteiro Lobato soube

transportar e fazer presente o diálogo entre textos produzidos na mesma e em diferentes épocas através de relações constitutivas e atemporais.

E que para analisá-la, utilizei esse recurso que atravessa esta obra, apoiada nos autores: Fernanda Bastos Moraes, Vitor Manuel de Aguiar e Silva, Graça Paulinho e Ivete Walty.

Faz-se necessário também, a contextualização de alguns temas essenciais para a concretização da análise, sendo eles: o histórico da caminhada da Literatura Infantil, a contribuição de Monteiro Lobato à mesma, um breve relato sobre sua vida e a de Miguel de Cervantes, uma rápida definição da obra "Dom Quixote de La Mancha" e a importância da Mitologia Grega na Literatura Universal.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história da Literatura Infantil teve início no século XVIII, precisamente na transição do feudalismo para o capitalismo, pois até então a criança não era significativa, ou seja, não havia preocupação com ela e tão pouco com escritos a ela dirigidos. No entanto, estavam envolvidos em todos eventos como os adultos.

Diante dessa mudança a família toma um novo conceito, o da vida privada e outros. A classe burguesa passa a impor seus valores e sua cultura dando ênfase à criança e às instituições destinadas a ela. Criando uma nova manifestação, sendo ela o da idealização da criança e da infância, em torno da qual a classe burguesa se organiza.

A Literatura Infantil que existia antes era escrita por pedagogos que tinham o propósito de passificar, tudo isso fez necessário o surgimento da instituição escola e dos produtos culturais para adaptar a criança ao seu novo papel a ser desempenhado. A Literatura Infantil tem essa função por ter tido seu apogeu na ascensão burguesa quando houve maior número de público leitor.

A escola por sua vez tinha a visão social e pedagógica para educar e moldar e os produtos culturais - o livro - assumindo o papel de consumismo onde torna-se mercadoria, enquadrado às condições da classe burguesa que visava o ganho, tornando a criança intermediária desse processo.

Na caminhada da Literatura Infantil pode-se descobrir sua ligação com a

instituição e a ideologia[1] (Ideologia é a elaboração intelectual incorporada pelo senso comum social que tem como função principal "ocultar e dissimular as divisões sociais e políticas, dar-lhes a aparência de indivisão e de diferenças naturais entre os seres humanos") que ajudou a solidificar a burguesia como classe dominante e que também lhe assegura seu consumo e mesmo atendendo à ideologia posta, ela cativou a criança através do gosto pela leitura.

Do relacionamento da criança e o livro, temos dois aspectos a serem considerados, o primeiro é a "criança imaginária"[2], ou seja, o leitor suposto no texto, resultado da atividade criativa do autor-leitor (sua originalidade) e da sua temática ideológica; e o segundo é a "criança imaginada"[3] , com a qual o escritor pensa comunicar-se.

A produção literária infantil está intimamente ligada à função pedagógica, sendo ela a responsável em moldar as crianças, apresentando-se útil ao bom funcionamento da engrenagem social, no intuito de passificar, quando é usado o ensino através do livro para a criança.

Textos infantis brasileiros eram publicados para as crianças simplesmente para reproduzir a dependência da literatura à influência européia. A Literatura Infantil brasileira na passagem do século XIX para o século XX não valorizava a sua criação, e sim reforçava o caráter documental que permanecia à sombra da tradição européia que era de ser fiel à pedagogia e de sua visão conservadora da infância.

---

[1] CHAUÍ, Marilena. Convite a Filosofia. São Paulo: Editora Àtica, 1997. (p. 174).

[2] ZILBERMAN, Regina. O Lugar do Leitor na Produção e Recepção da Literatura Infantil. KHÉDE, Sônia Salomão. (org.). Literatura Infanto-Juvenil: um gênero polêmico. 2ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. (p. 18 à 29).

[3] Op. cit. 1 (p. 18 à 29)

Mas a partir de 1921 esse aspecto da Literatura Infantil brasileira começa a mudar, graças à um dos dez maiores nomes da literatura universal "José Bento Monteiro Lobato". Considerado um ser singular, por ter sido o escritor precursor do realismo fantástico, escritor de cartas, escritor de obras infantis, ensaísta, crítico de arte e literatura, pintor, jornalista, empresário, fazendeiro, advogado, sociólogo, tradutor, diplomata, etc.

Nasceu em 18 de abril de 1882 em Taubaté - SP, José Renato Monteiro Lobato, seu nome verdadeiro, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, que por decisão própria muda seu nome para José Bento Monteiro Lobato, intencionado a usar a bengala de seu pai com as iniciais J. B. M. L. e assim o fizera.

Era conhecido como Juca, na infância gostava de brincar com suas irmãs Ester e Judite e de ler os livros de seu avô materno, o Visconde de Tremembé que mais tarde herdara dele a fazenda, então, deixa a profissão de promotor para ser fazendeiro.

No ano de 1908 casa-se com Maria Pureza da Natividade (Purezinha), com quem teve seus quatro filhos: Edgar, Guilherme, Marta e Rute. Graças a Monteiro Lobato, teve início o movimento editorial brasileiro, os livros brasileiros deixaram de ser impressos em Portugal. Foi perseguido e preso por fazer campanha em prol da exploração das riquezas minerais - o petróleo e o ferro - com o intuito de melhorar o padrão de vida do povo, que ao explorá-los pudessem ter uma vida à altura de suas necessidades.

Faleceu em 04 de julho de 1948 com 66 anos de idade de derrame em São Paulo, foi um prócer que destacou-se por escrever como falava, não importava se gostassem ou não do que escreveu.

Destacou-se como o autor que mais escreveu para crianças em todo o mundo, sendo sua obra considerada a mais extensa da Literatura Infantil de que se tem notícia. Monteiro Lobato se destacou também por denunciar as mazelas nacionais que emperravam o desenvolvimento do Brasil, e um dos seus objetivos era de estabelecer uma ligação entre a Literatura Infantil e essas questões sociais, proporcionando às crianças participação e conhecimento dos acontecimentos que eram camuflados. "Trazer a vida brasileira à consciência infantil e desenvolver um sentimento de nacionalidade atuante, foi a mais importante função da literatura de Lobato que, por isso, se constitui na referência máxima da literatura infantil brasileira, permanecendo ainda hoje como um desafio atual"[4] . Criou o Jeca Tatu, indivíduo símbolo nacional, que retrata toda a precariedade da vida do campo.

Depois de ter lido algumas de suas obras, o assunto a que me dedico neste trabalho é o de analisar a obra "O Picapau Amarelo", sob o prisma de saber mais sobre o diálogo que ela estabelece com outras obras de épocas diferente. Nessa obra Monteiro Lobato trabalha com alguns personagens do Mundo Encantado, são eles: Pequeno Polegar, Branca de Neve e os sete anões, Peter Pan, Dom Quixote de La Mancha com o Rocinante e Sancho Pança e outros como personagens históricos e lendários da Mitologia Grega.

A obra "O Picapau Amarelo" é conhecida em todo o mundo como a história do Sítio do Picapau Amarelo, onde tudo é possível no mundo do faz de conta. As relações intertextuais, aí, mostram a capacidade do texto literário de produzir novos

---

[4] FILIPOUSKI, Ana Maria R. Monteiro Lobato e a Literatura Infantil Brasileira Contemporânea. ZILBEMAN, Regina (org.). Atualidade de Monteiro Lobato: Uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado aberto, 1983 (p. 105)

sentidos, ou seja, um texto é um intercâmbio discursivo que se entrecruza, se metamorfoseia ou se contesta outros textos, outras vozes e outras consciências; e o intertexto é como o texto que existe em outro texto, onde pode ser decifrado, "lido" a estrutura de superfície deste último.

As relações existentes entre vários textos de épocas diferentes e entre o texto e o contexto é que se chama de intertextualidade. Esse fenômeno denominado intertextualidade "é entretecida pelo diálogo de vários textos, de várias vozes e consciências"[5] , termo recente usado por Júlia Kristeva, uma integrante da crítica francesa, na década de 60 e para o teórico soviético Mikhail Bakhtin é chamado de dialogismo.

A intertextualidade é possível pelo fato do texto só ter sentido porque se relaciona com outros textos. Esta prática e sua confirmação obviamente é tão antiga como a própria produção de textos. Sua constatação é comprovada nos textos literários mais remotos do Ocidente.

A intertextualidade exerce, quer na produção ou recepção literárias, uma função relevante, que não encontra comparação com qualquer outra classe de textos, ela tem a capacidade de produzir, num determinado espaço de tempo, ou num outro espaço de tempo desde a origem a evolução, diversos e novos significados, com a singular riqueza formal e semântica da memória do sistema semiótico literário.

Existem alguns aspectos de intertextualidade, mostrado por Graça Paulinho e Ivete Walty. São eles: a epígrafe - citações; o sentido destes para o leitor vai variar em conhecer ou não a obra de onde o trecho foi retirado; a alusão pode ser mais evidente,

---

[5] SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura. 8ª ed.: Livraria Almedina. Coimbra Portugal, 1994. (p. 630)

próxima a citação ou mais vaga; a reminiscência é menos evidente que a alusão, é uma lembrança vaga; a paráfrase é o mesmo sentido utilizado através de outras palavras e a paródia é o sentido invertido de forma irônica, se a ironia for bastante acentuada o resultado será de ridicularização e se for mais suave será como uma crítica menos destrutiva.

A intertextualidade está presente nas diversas modalidades artísticas como na pintura e na música. No primeiro caso quando se descreve um quadro de pintura, que é a passagem de um sistema significante não verbal para o verbal, na produção publicitária, nos filmes e nas novelas, nesses dois últimos casos ocorre quando são baseados em textos literários (romances, contos e poemas).

Recorrendo à intertextualidade, com base nos autores lidos, quero trabalhar com Lobato em "O Picapau Amarelo" esse diálogo que aproxima e coloca numa mesma história personagens da Literatura Universal como se fossem reais e fizessem parte do mundo que ele apresenta em suas histórias. Isso sem mencionar as relações estabelecidas em suas próprias produções, trabalhando com personagens e cenário fixos.

Observando os preceitos aqui descritos sobre a intertextualidade me deterei à obra analisada, tentando resgatar as significações possíveis para o lugar ocupado e/ou papel desempenhado pelos personagens considerando tudo que os envolve aqui ou em seu tempo.

As Relações Intertextuais Presentes na Obra "O Picapau Amarelo", de Monteiro Lobato.

Na presente, proponho-me, a partir das leituras já feitas, a analisar na obra de Monteiro Lobato "O Picapau Amarelo" a intertextualidade em dois aspectos: a presença do personagem Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes e o da Mitologia Grega, me deterei mais enfaticamente nestes, embora a obra ofereça uma riqueza intertextual muito maior. Nesses dois aspectos vale salientar sobre Miguel de Cervantes, o criador do personagem "Dom Quixote", nasceu em 1547, na cidade castelhana de Alcalá de Henares. Ainda não se sabe o que estudou, supõe-se que tenha cursado gramática e retórica em Madri. Em 1569 foi para Itália ser o camareiro do cardeal Júlio de Acquaviva. A península vivia o auge das artes e das letras: a obra de grandes artistas que moldaram a cultura contemporânea como Ariosto, Maquiavel, Da Vinci, Cellini, Michelangelo, o atingira em cheio. Tudo isso relatado por Almir de Andrade e Milton Amado.

Cervantes abandonou esse ambiente e fora alistar se na guerra contra os turcos; talvez por considerar essa experiência também necessária a sua formação.

Em 1575, foi preso, ao voltar de Nápoles para a Espanha, junto da embarcação de guerra com que viajara e fora aprisionado, foi levado para a Argélia onde permanecera por cinco anos. Tentara fugir cinco vezes, e sempre sem sucesso, tomava para si toda a responsabilidade, porque se preocupava mais com os companheiros do que

consigo mesmo, parecia que com isso, já se antecipava para sua própria vida, algo do quixotismo da grande obra que viria a criar.

Foi em Madri que começara a escrever suas grandes artes, quando foi resgatado por uma missão católica. Sendo a maior delas "Dom Quixote" publicada em 1605. Foi um livro revolucionário, que rompia com a tradição da novela medieval de cavalaria, que fora definitivamente contra ela. Passando a ser o primeiro romance moderno digno desse nome.

Nesse mesmo ano, Cervantes recolheu- se em um convento, onde morrera pobre e sem amigos, mesmo depois de sua obra ter sido tão conhecida. Depois, fidalgos franceses em visita oficial ficaram indignados pelo fato de a Espanha não ter feito desse homem, um rico. E restava porém lamentar a perda de uma das maiores criações humanas de todos os tempos.

Cervantes em sua obra "Dom Quixote" retrata um fidalgo ingênuo que fora atraído pela história dos grandes cavaleiros medievais, sai pelo mundo como um deles, numa época em que isso não existia mais, sendo que a causa disso fora as leituras de livros e mais livros de cavalarias que ao passar noites e noites sem dormir chegou a loucura. Em uma de suas saídas de cavaleiro andante, luta contra moinho de vento achando que são gigantes cruéis, tudo isso por uma simples camponesa de um Vilarejo chamado Toboso, sendo ela Dulcinéia a quem Dom Quixote idealizava seu amor. Sancho Pança é o seu fiel escudeiro, que admira o seu amo mesmo sem entendê-lo, esse tem os pés no chão e uma ambição: conseguir recompensa; acompanha-o, fascinado pela sua loucura. Cervantes ao escrevê-la, tinha a intenção de satirizar a novela de cavalaria, que havia sido muito popular na Europa. Mas retrata em Dom Quixote o perfil do homem dividido entre a fantasia e a realidade.

Tendo esboçado brevemente o que retrata "Dom Quixote", discorrerei sobre a Mitologia Grega, já que esse assunto também será visto mais detalhadamente.

Na Literatura o meio mais comum de expressão literária na época de formação dos povos foi a narração épica de feitos heróicos, ou seja, a narração da história de um povo. Sendo os mais famosos poemas épicos gregos a *Ilíada* e a *Odisséia*, de Homero. A *Ilíada* narra a tomada de Tróia pelos gregos e a *Odisséia* descreve o retorno do guerreiro Ulisses ao Reino de Ítaca.

A religião da civilização grega não tinha dogmas, era politeísta, porque acreditavam em vários deuses. Esses deuses habitavam o Olimpo, sendo eles seres imortais sobre a Terra e tinham também os heróis ou semideuses, homens que praticavam ações extraordinárias que se igualavam aos deuses por serem considerados pela lenda como filhos de um deus e de uma mortal. Havia culto aos deuses pelos gregos para pedirem proteção à família, a tribo ou a cidade, e cada cidade tinha sua divindade protetora. "A adoração dos deuses era um meio de enobrecimento do homem."[6] .

Outra característica da religião grega era o antropomorfismo, isto é, os deuses tinham forma, virtudes e defeitos humanos.

Os gregos não somente imaginavam seus deuses, como lhes atribuíam uma personalidade, uma história e muitas aventuras. Os relatos fantásticos dos feitos dos deuses e heróis formam a "mitologia", que foi elaborada lentamente através dos séculos, durante os quais se formou o próprio povo grego.

Muitos homens notáveis foram também elevados à categoria de semideuses, acumulando-se assim um conjunto de crenças, de tradições e de contos populares.

---

[6]BURNS, Edward McNall. História da Civilização Ocidenta; tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro. 28ª ed. revista e atualizada de acordo com a 4ª ed.

UFMA
Campus Universitário de Pinheiro e Lagoa - MA
BIBLIOTECA

Os poetas e os artistas modelaram a imagem definitiva dos deuses. Homero definiu e caracterizou sua personalidade. Hesíodo, autor de "Teogonia" relacionou seus laços de parentesco. A mitologia, cumpre seu papel de procurar explicar a origem do Universo, dos deuses e dos homens.

As realizações gregas e a suas significações para nós, foram das mais notáveis na história do mundo, conseguiram desenvolver uma civilização mais elevada e de aspectos mais diversificados que a de qualquer das nações mais ricamente dotadas do Oriente. Mesmo contanto somente com uma limitada herança cultural do passado para lhes servir de base, os gregos alcançaram o auge nos aspectos intelectuais e artísticas que desde então têm servido de principal fonte de inspiração ao homem em sua busca da sabedoria e beleza. É importante relatar também que eles organizaram a vida de modo mais normal e racional que a maior parte dos outros povos que se sucederam no palco da história. "A cultura dos gregos foi a primeira a se basear no primado da inteligência - ou seja, na supremacia do espírito de livre exame"[7] .

Monteiro Lobato soube transportar toda esta história de forma simples para o tão famoso sítio pois naquelas terras nada era impossível , tudo começou com uma cartinha enviada por Pequeno Polegar, personagem do Mundo da Fábula, à Dona Benta pedindo permissão para mudar – se para o sítio. "... A cartinha que recebi é do Pequeno Polegar..."[8]

Pequeno Polegar é o personagem dos contos de fadas dos irmãos Grimm,

---

norte-americana. Rio de Janeiro: Globo, 1986. (p. 192)

[7] Op. Cit. 1 (p. 192)

[8] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997. (p. 08)

(Jacob e Wilhelm) sendo pequeno no tamanho, mas grande em inteligência e como todas as crianças é ativa, incansável, infatigável que quer sair pelo mundo para viver suas próprias experiências. Sua carta é escrita numa pétala de rosa com a ponta de um espinho, que só é possível a sua leitura através dos olhos célebres da Emília, mais penetrantes que todas as lentes do mundo. Que narrava o seguinte pedido:

> Prezadíssima Senhora Dona Benta Encerrabodes de Oliveira: Saudações. Tem esta por fim comunicar a V.Ex.ª que nós, os habitantes do Mundo da Fábula, não agüentamos mais as saudades do Sítio do Picapau Amarelo, e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa da mais sem graça. Aí é que é o bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa _ se a senhora der licença, está claro...[9]

As crianças do sítio já começaram a fazer projetos de brincadeiras com alguns dos personagens do Mundo Encantado, mas Dona Benta estava incerta, porque a população desse mundo era grande e só as terras do sítio não eram o suficiente para acomodá-la. Então Pedrinho deu uma idéia para sua avó, a de comprar as fazendas dos vizinhos e se não fossem o suficiente que ela adquirisse mais terras. Não se esquecendo também de lembrar que era necessário fazer uma cerca para que os personagens não ultrapassassem o limite. "...E podemos fazer uma coisa, vovó: uma cerca de arame que separe o sítio velho das Terras Novas. Ficamos nós aqui e eles nas Terras Novas. Que tal?"[10]

---

[9] Op. Cit. 1 (p. 08)
[10] Op. Cit. 2 (p. 09)

Dona Benta se convencera da proposta de Pedrinho e no dia seguinte já respondeu a carta do Pequeno Polegar dando – lhe permissão para que viessem todos, mas na hora de subscritar o envelope se atrapalha e vê que Polegar não havia colocado o endereço e fica indecisa até que Narizinho aparece e resolve o problema, dizendo a avó que era só chamar Emília e pronto, foi o que aconteceu Emília mais que depressa soluciona o tal problema que era só de gente grande. "Ah, meu Deus! Que bicho bobo é gente grande!... Morrem de lidar com as maravilhas e não aprendem nada – não aprendem essa coisa tão simples que é o "faz-de-conta"[11].

Polegar recebeu a carta de Dona Benta, comunicando que dali há uma semana podia começar a mudança, caso aceitasse a condição de não ultrapassar a cerca de arame que dividia o sítio das terras novas. Sendo aceitas as condições, a mudança para o sítio se inicia no prazo previsto por Dona Benta.

Enquanto isso, Dona Benta, vai a procura dos vizinhos para negociar as terras, e a mesma encontra – os indecisos e afim de lhe tirar proveito.

A compra das Terras Novas, só foi possível, mais uma vez, com a interferência da Emília que junto de Visconde trama uma história para que os fazendeiros aceite de uma vez por toda a proposta de Dona Benta. E foi assim que se sucedeu, os fazendeiros assustados com a história que fora relatada de que Dona Benta iria fazer do sítio a maior criação de feras do mundo; e que os vizinhos iriam sofrer com isso.

> .... Toda gente sabe que os animais caseiros, burros, bois, cavalos etc., têm um verdadeiro horror pelas grandes feras. Adivinham-nas de longe pelo cheiro e morrem de medo – fogem

[11] Op. Cit. 3 (p. 09)

> com quantas pernas têm. Estou com dó dessas fazendas. Vão ficar a pé, sem um cavalo, um burro, um boi. O vento leva para lá o cheiro dos leões e os tigres e a animalada mansa dispara...[12]

Visconde diz a Emília que os vizinhos podem processar Dona Benta, mas Emília como havia pensado mesmo em tudo, explica que não poderiam, porque D. Benta já havia mandado estudar esse caso por um bom advogado do Rio. E se os fazendeiros processassem D. Benta, eles perderiam as demandas e ainda teriam que pagar o custo. Pelo simples motivo de que: "Não há lei nenhuma que proíba cheiros em fazendas"[13].

Os fazendeiros não pensaram duas vezes, foram ao sítio e aceitaram a proposta de D. Benta, ela não entendera o porquê da decisão tão rápida por parte deles, mas sabia que tinha algo haver com Emília. Sendo assim, foi feita a compra das terras vizinhas para acomodar os personagens do mundo encantado.

Tudo certo, os habitantes do sítio já estavam preparados para recebê-los e começaram a mudança dos personagens do mundo encantado para as Terras Novas de D. Benta. "O Pequeno Polegar veio puxando a fila. Logo depois Branca de Neve com os sete anões..."[14].

E finalmente chegam os dois personagens, que serão assunto de meu interesse, sendo eles: Dom Quixote de La Mancha com seu fiel escudeiro Sancho Pança que em sua história retrata a vida de um cavaleiro andante que por decisão própria sai a praticar tais aventuras. O motivo que o levou a fazer isso é o de ter lido muitos livros de

---

[12] Op. Cit. 4 (p. 11)
[13] Op. Cit. 5 (p. 11)
[14] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997. (p. 12)

cavalaria, com isso ficara louco, cumprira também o seu papel de inventar (imaginar) terríveis batalhas nas terras do sítio.

> Para concluir: embebeu-se tanto na leitura, que a ler passava as noites de claro em claro e os dias de turvo em turvo; com o muito ler e o pouco dormir se lhe secou de tal maneira os cérebro, que perdeu o juízo. Empregnou-se-lhe a imaginação de tudo o que nos livros lia, feitiçarias, contendas, batalhas, desafios, ferimentos, requebros, amores, tormentas e disparates impossíveis; e de tal modo se lhe afigurou verdadeira toda a trama das sonhadas invenções que lia, que não havia para ele no mundo histórias mais certas...[15]

Outro aspecto, que procuro dar maior relevância são os personagens da Mitologia Grega, que aparecem em "O Picapau Amarelo". Considerando a Grécia com o berço da Literatura Ocidental, me parece fantástico e significativo a presença dos personagens que habitam este mundo mitológico dialogando com os habitantes do sítio.

> _ Oh! _ exclamou o Burro quando viu chegar D. Quixote e Sancho, um montado no Rocinante e outro no burrico. _ Olhe, vovó! _ exclamou Narizinho em certo momento. _ Lá vem vindo o rei dos mares, Netuno de grandes barbas verdes, com o garfo de três dentes na mão, sentado no seu carro de conchas puxado por peixes. Como irá ele arranjar-se aqui se não há mar?[16]

---

[15] CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote. Vol. 1 e 2. Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. (Org. da Biblioteca Folha – Clássicos da Literatura Universal).

[16] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997 (p. 13).

Campus Universi... e Laberia - MT
BIBLIOTECA

Netuno é divindade grega que preside ao mar, filho de Cronos e Réia, e irmãos de Zeus.

Monteiro Lobato utiliza nessa obra um recurso denominado de intertextualidade, foi o que fez ao relacionar textos e personagens de épocas diferentes ao seu texto e contexto. Isso é possível porque o texto só tem sentido quando se relaciona com outros textos ou, é o entrelaçamento dialógico de um e de outro.

Dom Quixote com toda a sua loucura em pessoa, chega às Terras Novas, sem trazer sua casa e fica andando de lá pra cá, até que avista a casa de D. Benta e deseja hospedar-se nela junto com seu escudeiro Sancho Pança, seu Rocinante e o burrico de Sancho. Dá ordens ao escudeiro para pedir a D. Benta um pouso na "tão simpática casinha".

É conhecida, também, sua história como o Cavaleiro da Triste Figura, por enfrentar suas aventuras que só para ele era normal (reais), não passando apenas de pura imaginação e que nenhuma delas tinha sucesso, sendo uma de suas aventuras lutar contra moinhos de vento, que para a Europa do século XVI era uma invensão e para ele era uma fila de gigantes. Teria de atacá-los, esses gigantes foram tirados dos romances de cavalaria do século XII, que eram baseados na história dos povos gregos e representava um mito, sendo o do gigante de muitos braços e que teria de combatê-lo. Seu escudeiro avisara que não eram gigantes, mas mesmo assim fora cumprir com as características de cavaleiro andante, que é de ser valente e enfrentar situações em nome de sua amada "Dulcinéia del Toboso".

Fora enfrentar o moinho montado em seu Rocinante, e ao chegar perto do moinho de vento, o mesmo estando rodando, acerta Dom Quixote na cabeça com uma de

suas asas, jogando-o longe para um lado e seu cavalo para outro. "... Batendo-lhe com a lança na asa, girou-a o vento com tanta fúria, que se partiu a arma em pedaços, arrastando após si o cavalo e o cavaleiro, que, todo machucado, foi rolando pelo campo"[17].

Sancho presenciara tudo e diz a Dom Quixote de La Mancha que havia avisado do perigo, mas ele acha tudo normal quando esta defendendo os ideais da cavalaria e que o cavaleiro tem que estar preparado para tudo, tanto para o sofrimento ou para a vitória. E conformara com o acontecido. Essa passagem é uma crítica que o autor faz, para revelar a mentalidade atrasada do povo espanhol, que em pleno século XVI não quer aceitar o progresso, como o do moinho de vento, e sim a Espanha quer viver no atraso da Idade Média do século XII. O espanhol que luta contra o moinho, representa uma alerta para o país, como se estivessem dizendo, vocês estão querendo viver num mundo que não existe mais. Constataremos nos trechos abaixo de Miguel de Cervantes e Monteiro Lobato:

> ... _ que aquilo que ali está não são gigantes, mas moinhos de vento; e o que neles parecem braços são as asas, que, impelidas pelo vento, fazem andar a pedra do moinho.[18]

> _ Está procurando moinho de vento _ murmurou o Visconde. _ Por felicidade, o nosso moinho é de roda d'água – está livre de ser atacado por ele[19].

---

[17] CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote. Vol. 1 e 2. Trad. de Almir de Andrade e Milton Amado. RJ: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. (org. da Biblioteca Folha – Clássicos da Literateratura Universal) (p. 82).

[18] Op. Cit. 1 (p. 81)

[19] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34 ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997(p. 15).

D. Benta permite que fique no sítio, que seja hóspede, desde que não seja para sempre, porque a combinação que fez com Polegar fora que todos os personagens do Mundo Encantado ficassem nas Terras Novas.

Dom Quixote, um dos personagens do mundo encantado que causava em Emília grande admiração por ele ser visto como "o suco dos sucos", ela o achava o máximo, sempre inventando alguma loucura para pôr em prática os ideais da cavalaria. Ao dizer que ele é "o suco dos sucos", Monteiro Lobato traz presente um outro recurso, o da figuras de linguagem, mais especificamente a metáfora, que é o uso de palavra com sua significação diferente de seu sentido próprio, fazendo uma comparação. Emília o acha o mais ousado dos personagens, e também por se identificar com ele em suas aventuras incansáveis. "... _ Acho D. Quixote o suco dos sucos. A loucura chegou ali e parou. São as únicas gentes interessantes que há no mundo"[20].

Mal chega no sítio e já começa a aprontar, Dom Quixote e seu escudeiro se deparam com Quindim, personagem do sítio que é um honrado paquiderme, ou seja, um rinoceronte de chifre único, e vê nele o infame mágico Freston que é o seu perseguidor e toma várias formas para persegui-lo. Dom Quixote enlouquecido queria a todo custo enfrentar Quindim, não realizara tamanha proeza, porque Quindim afastou-se do louco em pessoa.

"Foi quando Emília interveio com grande oportunidade. Correndo ao Quindim, pediu-lhe que se afastasse o mais depressa possível, porque aquele homem era louco. Quindim, o mais sensato rinoceronte do mundo, obedeceu docilmente"[21].

---

[20] Op. Cit. 1 (p. 15).
[21] Op. Cit. 2 (p. 16).

Seu fiel escudeiro, Sancho Pança, relata as proezas de seu amo, aos personagens do sítio, e esses o interrompem dizendo que já conhecem toda a sua história, que ali no sítio havia o livro de dois volumes escrito por Miguel de Cervantes.

> ... e muito admirado ficou de saber que sua história andava a correr mundo; escrita por um tal Cervantes. Nem quis acreditar; foi preciso que Narizinho lhe trouxesse os dois enormes volumes da edição de luxo ilustrada por Gustavo Doré[22].

Neste trecho, vemos também um belíssimo momento de diálogo, em que ao emergir a metalinguagem , se torna possível a criatura falar de seu criador numa alusão a novela "Dom Quixote de La Mancha".

Dom Quixote, fidalgo que era, homem nobre, que não gostava de trabalhar, teve também no sítio momentos de descanso, quando não estava se metendo em nenhuma confusão, dormia numa rede e sonhava com a sua Dulcinéia.

"Ao seu lado, na rede, D. Quixote roncava sorridente, sonhando com a formosa Dulcinéia"[23].

Como no sítio tudo é possível de acontecer eis que aparece um monstro de três cabeças para Visconde, o qual interroga a si para saber em qual Mitologia, esse monstro figurava.

"... De que "mitologia" era aquele monstro? Há muitas mitologias, isto é, coleção de fábulas _ uma para cada civilização. Há a mitologia grega, a mais rica de todas ..."[24].

---

[22] Op. Cit. 3 (p. 18).
[23] Op. Cit. 4 (p. 23).
[24] Op. Cit. 5 (p. 21)

Sim, esse monstro de três cabeças, uma de leão, outra de cabra e outra de serpente era a Quimera, que faz parte da Mitologia Grega, sendo ela o monstro que assolou os reinos de Cária e o da Lícia com o seu fogo que vomitava incessantemente, surgira na Grécia durante o século VII a.C. E aqui de passagem no sítio já não tinha tais características assustadoras, como no passado, agora só apresenta tal espanto com a sua forma, mas não praticava tamanha monstruosidade, porque fora vencida por um herói e estava caduca.

"... Parecia o papagaio caduco de tio Barnabé, que tinha cem anos e só dez penas no corpo enrugado. Sim, ele estava diante da terrível Quimera que fora o pavor da antigüidade – mas já inofensiva, sem dentes, sem fogo, sem pêlos – caduca ..."[25].

Quimera em conversa com Visconde, confirmava a ele que era o tal monstro da mitologia grega e que ele para ela era personagem da mitologia moderna. "_ Sou uma fábula grega, como você me parece uma fábula moderna"[26].

Um encontro literariamente preparado por Lobato, que com o poder da palavra aproxima e torna atemporal séculos de história. Permitindo que o antigo e novo construam juntos a história.

O herói que a vencera, estava na sua captura, o herói grego Belerofonte em seu cavalo de asas, o Pégaso. Belerofonte fora o herói que domesticou o cavalo alado Pégaso com a ajuda de um arreio dado por Atena, deusa da arte, da ciência, da razão e da sabedoria, no reino da Lícia.

Saíra a procura de Quimera voando em seu cavalo Pégaso. Quando de repente

---

[25] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997 (p. 21).
[26] Op. Cit. 1 (p. 22)

avista uma das personagens do mundo encantado "Branca de Neve" em seu castelo com as crianças do sítio, que correram para lá com medo da Quimera.

O herói pergunta à Branca de Neve se vira a Quimera por ali, antes que Branca pudesse responder, Emília intrometeu-se na conversa e falou do monstro de três cabeças que apareceu para eles e os assustou muito, ocasionando assim a vinda deles para o castelo de Branca, para se esconderem. As crianças muito preocupadas com o Visconde que ficara sozinho com a Quimera, pediram a ele que se fosse possível que salvasse o Visconde. E assim o fez, foi ao encontro dos dois.

> _ Formosa princesinha, não poderá informar-me do paradeiro da Quimera? ... Belerofonte olhou na direção indicada, enquanto "a graciosa figurinha" prosseguia, muito espevitadamente: _ Deve estar lá ainda, comendo o Visconde. Vá depressa herói, e, se puder, salve o "sabinho". ... Venci-o em combate nos desertos da Lícia e amansei-o. Está muito velho, o coitado, sem dentes, sem pêlos, sem fogo...[27]

Pedrinho, Narizinho e Emília, depois de terem visitado todo o castelo de Branca de Neve, resolveram ir embora para o sítio. No caminho de volta encontram com o herói Belerofonte e Pégaso descansando e nada de encontrar a Quimera e o Visconde. Continuaram todos juntos a caminho para o sítio.

Ao chegarem nas terras do sítio avistam Visconde e Quimera. Quimera estava no terreiro conversando com o Quindim e o Burro Falante, num ambiente de passividade. Até o momento em que saiu da casa de D. Benta o cavaleiro "Dom

---

[27] Op. Cit. 2 (p. 24).

Quixote", que se deparou com aquele monstro no terreiro, e esse mais uma vez tem um surto de loucura e vai para o ataque, vejamos:

"_ Ei-lo de novo, o infame Freston, transformado em bicho de três cabeças, a desafiar-me! Aceito a luta. Sancho, Sancho, traze-me depressa o meu corcel de mil batalhas – e a lança e o escudo!"[28].

Ao presenciar tudo isso, Belerofonte, quer saber quem é esse indivíduo, cabe a Emília explicar sobre Dom Quixote.

"_ Pois é o famoso D. Quixote de la Mancha, não conhece? Um tremendíssimo herói de cem batalhas mas de miolo mole. Tem a mania de combater monstros e gigantes imaginários..."[29].

Foi difícil convencer Dom Quixote que o monstro Quimera não era o infame Freston, que tanto o perseguira na antigüidade, então Belerofonte interveio com a mior boa vontade para convencê-lo de que Quimera pertencia à Mitologia Grega e não era o tal mágico mencionado por ele. Com muita dificuldade Belerofonte conseguira convencê-lo do mal entendido.

Todos estavam diante de um herói dos tempos "Magnos" da Grécia, as crianças do sítio, espertíssimas que eram, não largaram Belerofonte por estarem encantados com ele, Emília pediu-lhe que contasse sua história. Foi o que fez o herói Belerofonte, relatara sua história que ocorrera nos tempos gregos e que ficara conhecido porque fizera parte dos feitos heróicos contada pelos poetas, que tinham por finalidade narrar a história de um povo daquela época. Os dois poetas mais conhecidos da Grécia foram: Hesíodo autor de "Teogonia" e Homero autor de *Ilíada* e *Odisséia*.

---

[28] Op. Cit. 3 (p. 27).
[29] Op. Cit. 4 (p. 27).

"_ Ah, a minha história! _ Exclamou Belerofonte. _ Corre mundo contada por numerosos poetas, entre eles o velho Hesíodo e grande Homero"[30].

Na Mitologia Grega, os heróis eram considerados pela lenda como filhos de um deus e de uma mortal, os heróis ou semideuses foram homens ilustres que estavam vinculados a uma cidade ou região por praticarem ações extraordinárias. Conforme mencionado anteriormente.

Lobato fazendo uso da intertextualidade, soube trabalhar nessa obra as origens dos tempos mais remotos e toda a sua evolução para o mundo atual, exemplifica um dos heróis mais célebres da Mitologia Grega, Hércules. Hércules, um indivíduo que possuía força extraordinária e que operou grandes feitos heróicos, sendo ele o filho de Zeus (o soberano dos deuses e do homem) e de Alcmena (possuidora de uma beleza incomparável) que matou a Hidra de Lerna (monstro); capturou vivo o javali de Erimanto, alcançou na corrida a corça de pés de bronze, etc.

"... Era no período em que tínhamos no grande Hércules o modêlo supremo. Equiparar-se a Hércules constituía o sonho de todos os jovens gregos"[31].

Todo herói contava com a ajuda de algum deus, como Belerofonte contou com a ajuda de Atena, ele só conseguiu derrotar Quimera, porque fora oferecido um cavalo excepcional de asas que possuía dons fora do comum, conhecido como Pégaso, que segundo a mitologia grega, nasceu do sangue da Medusa, após ser esta decapitada por Perseu, rei de Tirinto.

---

[30] Op. Cit. 5 (p. 29).
[31] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34 ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997 (p. 30).

"_ Sim, vi. Um dia vi – e deslumbrei-me! Era o espetáculo mais maravilhoso que a imaginação humana possa conceber. Extasiei-me. Mas nesse dia Pégaso não passou duma nuvem para outra ..."[32].

Pégaso, um cavalo dotado de tais características, pousava em um dos montes mais altos e belos da Grécia, sendo ele o seu habitat natural daqueles tempos. "Pégaso tinha o seu pouso no Monte Hélicon, um dos mais altos e belos da grécia, e também eu elegi esse monte como o meu pouso habitual"[33].

Belerofonte nem terminara de contar sua história, quando de repente apareceu outro personagem do mundo encantado o Peter Pan, personagem dos contos de fadas de James Barrie, é um menino simpático, corajoso, que luta com espada como se fosse demônio, sabe voar, brigar, tomar conta de si e de todos os outros meninos perdidos da Terra do Nunca. Tem em sua companhia a fada Sininho. Por não querer ser adulto, foge de casa ao ouvir seus pais dizendo o que ele seria quando crescesse, revoltado com o tal fato, deseja ser sempre criança, segundo Fanny Abramovich.

Peter Pan aparece dizendo que ocorrera um desgraça nas Terras Novas, Pedrinho vendo-o assustado pede para que se explique. Peter Pan conta que, quando ele arrumara nas Terras Novas o Mar dos Piratas, ou seja, um pedaço dele, um incindente ocorrera, o desmoronamento de um morro, fazendo com que a água fosse inundar o castelo de Branca de Neve.

Todos ficara muito preocupados com Branca de Neve e os sete anões, restara fazer algo para salvá-los por parte dos meninos do sítio.

---

[32] Op. Cit. 1 (p. 31).
[33] Op. Cit. 2 (p. 41).

Pensaram, pensaram, até que chegaram a uma solução, armaram uma cilada para o único personagem do mundo encantado que possuía uma embarcação capaz de salvá-los que era a do Capitão Gancho e do seus piratas, conhecida como "Hiena dos Mares". Capitão Gancho e seus piratas são também personagens dos contos de fadas de James Barrie, figura como o pior de todos que luta contra o valente Peter Pan.

A trama dos meninos fora assim: "_ Há um jeito: atrair o Capitão Gancho para aqui e prendê-lo na despensa"[34].

Sim, tudo dera conforme o combinado, só que Branca de Neve muito medrosa que é, não esperou o navio, foi salva pelo Pégaso, conforme a idéia de Emília para que ele a avisasse que a água havia parado de subir e que a trouxesse para o sítio: "_ Perdão, Branquinha _ disse ele _ o mais acertado me parece que você vá já para o sítio montada neste cavalo. Nós ficaremos à espera do navio"[35].

E depois foram salvos todos no castelo, e levados para o sítio. " ... Ah, o suspiro de alívio de Branca de Neve! A sua alegria ao saber que no sítio de Dona Benta estavam cuidando de aprontar uma embarcação para salvá-la, e aos anões, e a todos os seus tesouros!"[36].

Depois do trabalhoso esforço de trazerem o Capitão Gancho para sítio, inventando que Dona Benta o havia convidado para um "café com mistura", não pensou duas vezes e foi se deliciar. Ao chegar no sítio esse personagem foi visto por Dom Quixote, e este teve mais um de seus súbitos ataques, no primeiro momento, mas não chegara a realizá-lo. "A entrada do Capitão Gancho no terreiro causou viva impressão.

---

[34] Op. Cit. 3 (p. 34).
[35] Op. Cit. 4 (p. 34).
[36] Op. Cit. 5 (p. 34).

Campus Universitário de Cáceres - MT
BIBLIOTECA

Peter Pan escondeu-se atrás de Dona Benta enquanto D. Quixote levava a mão ao copo da espada"[37].

As crianças do sítio e Peter Pan, deram continuidade ao plano de tomarem a embarcação do Capitão Gancho batizada "Hiena dos Mares", e tudo fora um sucesso só. Enfrentaram nas Terras Novas uma engenhosa aventura, estando de posse do navio, Visconde o chama de "O Beija-Flor das Ondas", que antes era uma navio imundo, agora depois da limpeza que ele ordenara aos anões passara a ser um iate. "... depois de esfregação de caco de telha que estamos fazendo, será transformado num iate, "O Beija-Flor das Ondas"[38] ... A limpeza da "Hiena dos Mares" foi a obra mais completa que os sete anõezinhos de Branca jamais realizaram"[39].

Depois de inúmeros acontecimentos Belerofonte e Quixote falaram de suas façanhas ocorridas em tempos remotos:

> D. Quixote e Belerofonte estavam conversando sobre façanhas... O herói grego declarou que sua façanha era uma só, e isso porque fora uma tão grande que depois dela qualquer outra ficaria pequeninha. ... D. Quixote tomou a palavra.
> _ Pois a minha vida, senhor, correu bem ao contrário da sua. Já perdi a conta das façanhas que pratiquei[40].

E com todas essas façanhas ocorridas com tais personagens, não podemos deixar de citar uma das que fora praticada por Peter Pan e Pedrinho no sítio, que foi a de

---

[37] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34 ª ed. São Pulo: Editora Brasiliense, 1997 (p. 36).
[38] Op. Cit. 1 (p. 42).
[39] Op. Cit. 2 (p. 48).
[40] Op. Cit. 3 (p. 41).

terem apanhado uma sereia no mar, mar este que também viera junto com um dos personagens do mundo encantado. Foi mais ou menos assim, Peter Pan e Pedrinho saíram do sítio para passear, mas como estava calor, resolveram tomar banho de mar, e assim fizeram. Durante o banho, eles viram sereias e combinaram de pegar uma. Tendo sucesso no plano trouxeram a sereia para o sítio, quando o pessoal do sítio avistou os meninos e a sereia, ficaram todos maravilhados. Belerofonte, então, nem se fala, foi o que mais ficou maravilhado e questionava o fato deles não pertencerem ao tempo heróico da Grécia. "_ Sim, senhor! _ murmurou Belerofonte. _ Está aqui uma façanha que jamais julguei possível. É pena estes meninos serem de hoje, pois mereciam Ter nascido nos tempos heróicos da Grécia ...[41] "

Agora, restava saber onde a sereia iria ficar, Pedrinho não perdeu tempo e convocou todos para fazerem uma represa nas águas do ribeirão de modo a formar uma lagoa. Foi para essa lagoa a sereia. Com o passar dos dias todos viram que ela não estava satisfeita ali e resolveram devolvê-la ao mar de onde a trouxeram.

A única que não gostava dessa façanha era Dona Benta, porque havia combinado com Pequeno Polegar, que os personagens do mundo encantado viessem, mas para morarem nas Terras Novas do sítio e isso já não estava funcionando. Dom Quixote pedira para hospedar-se em sua casa, ela permitira, o herói Belerofonte e a Quimera depois que apareceram no sítio não falavam em ir embora. Dona Benta começava a se preocupar com esse fato. Comentara com tia Nastácia que se eles continuassem mudando para o sítio, eles os donos teriam que se mudar para as Terras Novas.

---

[41] Op. Cit. 4 (p. 44).

> A situação no sítio não estava boa. D. Quixote, sem falar em retirar-se, tinha caído no que Emília chamava "lambança". Cafezinho a toda hora, redinha de Dona Benta, almoço, jantar, cama _ e divertimentos. Parecia julgar aquela casa como sua, ou hotel. Também o herói Belerofonte não falava em ir-se. O caso entrou a preocupar Dona Benta[42].

Mas Dona Benta não contara com a sorte de que naquele mesmo dia o herói Belerofonte a comunicaria da sua retirada do sítio no dia seguinte, e explicara que havia demorado demais no sítio e que sua vida era passada mais no ar do que em terra. E Dom Quixote ao saber da notícia também comunicara a Dona Benta que iria embora, lembrou-se que era demais nas terras do sítio.

"_ Minha senhora, já me demorei demais em sua casa; é tempo de ir-me.

_ Que pressa é essa herói?... Aproveitarei o ensejo da partida do grego para retirar-me também"[43].

E fora assim, no dia seguinte os hóspedes decididos de irem embora, começaram a despedir-se de todos do sítio e cada um retirou-se a sua maneira.

"... Belerofonte apareceu no terreiro caracolando Pégaso já de asas entreabertas. Fez uma despedida geral e prrr! ... lá se foi pelos ares como um enorme gavião de deslumbrante alvura. D. Quixote fez uma saudação geral com a lança e partiu majestosamente"[44].

Ainda restara no sítio Quimera, mas Belerofonte havia deixado instruções para Dona Benta mandá-la embora, bastava que abrissem a porteira e apontassem o

---

[42] Op. Cit. 5 (p. 45).
[43] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997 (p. 46).
[44] Op. Cit. 1 (p. 47).

caminho das Terras Novas para que ela se afastasse dali. A missão foi cumprida por Pedrinho.

"Pedrinho seguiu as instruções de Belerofonte. Depois de escancarada a porteira, aproximou-se do monstro e, muito ressabiadamente, apontou-lhe o caminho. A triste criatura não tugiu nem mugiu. Baixando as três cabeças, tomou a direção das Terras Novas, no seu desajeitadíssimo trote de fábula caduca"[45].

Após a retirada dos hóspedes, os personagens do sítio e todos os outros do mundo encantado foram viver uma aventura maravilhosa sugerida por Pedrinho, que ao visitar o iate "O Beija-Flor das Ondas" tem uma idéia magnífica que é a de irem fazer um cruzeiro marítimo pelo Mar do Piratas, para conhecerem todas as terras que esse mar banha, sendo necessário o consentimento de Dona Benta. Dona Benta estava mais assanhada que os netos, e mais que depressa decidira que fossem todos, até tia Nastácia.

"Restava conseguir o consentimento da vovó, coisa fácil. Apesar dos seus 70 anos, Dona Benta parecia ainda mais assanhada que os netos"[46].

Sendo assim num galope as crianças prepararam tudo para levar na excursão, todos estavam prontos para partirem. Emília como sempre, já planejava mais um plano, e contou com a ajuda de Dunga, um dos sete anões de Branca de Neve, sendo ele um dos que presenciava há um bom tempo a tristeza que Branca de Neve apresentava e os outros anões também não agüentava mais vê-la triste, quieta e lastimando a perda de seu marido, que foi um príncipe e que havia saído para caçar e nunca mais voltou, ocasionando assim sua tristeza. "... Meu Príncipe, ai, ai, ai! O meu amado esposo já não existe mais! ..."[47].

---

[45] Op. Cit. 2 (p. 47).
[46] Op. Cit. 3 (p. 49).
[47] Op. Cit. 4 (p. 49).

Foi Emília que mudara o destino Branca de Neve e Príncipe de Codadade durante o cruzeiro através de observações e se eles não manifestassem ao menos um sinal de amor instantâneo, caberia a ela buscar ajuda na zona dos deuses e heróis gregos para um entendimento com o deusinho do amor, o Cupido, filho de Vênus com Marte, deus do amor, que com suas flechas envenenadas golpeava irresistivelmente os corações dos deuses e dos homens, no momento em que o iate aproximasse à zona dos gregos.

Como o iate estava rumo às Terras da Grécia, isso seria muito fácil para Emília. "Tudo pronto, o iate partiu, com as velas bojudas de vento, rumo à zona dos deuses. Emília andava com a cabeça tonta com a Grécia, depois da história do herói Belerofonte..."[48].

Como não acontecera nada com os dois personagens, nem um pingo de amor nascera naqueles corações gelados, Emília desceu nas terras da Grécia e encontrou com deus do amor e explicou tudo, contou com a sua ajuda para mudar esse rumo da história. De tanto insistir ao menino de asas ele acabou cedendo o seu arco e flecha para ela.

"... Amanhã, sem falta, quero meu arco de volta. Tenho uma serviceira que você nem imagina, Emília. Passo todo o meu tempo flexando as criaturas, porque sem isso o mundo pára – por falta de amor"[49].

Emília saíra correndo ao encontro dos demais no iate, para por em prática seu plano; o primeiro a ser flexado fora o Príncipe Codadade e em seguida Branca de Neve, tudo ocorrera bem, quando os dois se avistaram foi um amor só.

---

[48] Op. Cit. 5 (p. 52).
[49] LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997 (p. 54).

"O encontro do Príncipe Codadade com Branca de Neve não tardou nem um minuto. Viram-se e cairam nos braços um do outro. Era amor de verdade, do bom... do legítimo... desses que não acabam mais..."[50].

Tudo dera certo, agora tinha que devolver o arco ao deus do amor, Emília mais uma vez recorre ao "faz-de-conta" para devolver o arco.

"_ Faz de conta, meu arco, que és uma andorinha com ordem de ir num prrrr! ter às mãos de Cupido. Boa Viajem!"[51].

Depois de estarem encantados "apaixonados" um pelo outro, Branca de Neve e o Príncipe Codadade resolveu se casar, foi a primeira grande festa a realizar-se nas Terras Novas.

Começaram imediatamente os arranjos do casamento, os convites foram enviados para todos os personagens da Fábula com exceção dos monstros.

Eis que chegara no dia da festa, todos os personagens começaram a chegar, sendo eles:

> "... Os heróis gregos surgiram num grupo _ ... E vieram as semideusas gregas, cada qual mais resplendente de formosura...
> E veio até a Fênix _ a ave que renasce das próprias cinzas... E depois dos gregos vieram personagens de outras mitologias..."[52]

---

[50] Op. Cit. 1 (p. 55).
[51] Op. Cit. 2 (p. 55).
[52] Op. Cit. 3 (p. 67).

Tudo ia muito bem, até no momento em que aparecera os penetras, sendo estes os monstros fabulosos que estavam ofendidos com o Príncipe por não tê-los convidado, e decidiram estragar a festa.

> ... Vinham vindo todos, no galope, levantando nuvens de poeira. Dona Benta foi indicando os que conhecia. A Hidra de Lerna, a tal que havia descaderado D..Quixote. Briaréu, o gigante 50 cabeças e 100 braços. Bandos de centauros e faunos. Os ciclopes, gigantes de um só olho no meio da testa... Vinha até a pobre Quimera, lá atrás de todos, manquitolando...[53]

Com toda a confusão feita, começara a luta entre os monstros e os príncipes. Dona Benta rapidamente dera ordens à Pedrinho para irem todos embora para o sítio, não esquecera de Branca que nessas alturas estava desmaiada nos braços do Príncipe Codadade. Visconde fora convocado a ir buscar Branca, mas ela diz que não abandonará o seu amado e ficará.

Sendo assim os personagens do sítio retornaram ao ambiente costumeiro que era o famoso sítio. Ao chegar, todos fizeram a conta para saber quem estava faltando. Imediatamente Dona Benta, Narizinho e Visconde começaram a chorar, Pedrinho ao vê-los chorando, interrogara todos para saber do fato. Emília como não havia chorado teve oportunidade para contar-lhe. O fato é que esquecemos tia Nastácia nas Terras Gregas.

Dona Benta ficara muito preocupada com tia Nastácia, naquele tumulto, onde os monstros invadiram, ficara imaginado os horrores que estava passando, bastava

---

[53] Op. Cit. 4 (p. 70-71).

somente lamentarem o tal esquecimento de tia Nastácia.

Mas Pedrinho não, ele não aceitaria tal lastima, e todos haviam de agir e sem demora para capturar tia Nastácia. Diz que todos têm de organizar uma expedição para o salvamento. Tal iniciativa soara como a decisão de um herói de Fábula. Depois dessa iniciativa sugestiva e honrosa por parte de Pedrinho, Emília fica toda serelepe com a novidade de terem de enfrentar uma nova aventura. Ela vibra com mais essa aventura.

"Emília sentiu o peito estufadíssimo de entusiasmo.

_ Bis-bravo! _ berrou batendo palmas. _ Isso é que é falar! Avante, avante! Toca a salvar tia Nastácia!..."[54].

Essa nova aventura do salvamento de tia Nastácia terá continuidade em outra obra de Monteiro Lobato intitulada "O Minotauro".

Monteiro Lobato soube transportar, não só nessa obra como também em outras obras, seus personagens ao possível de ser vivido o seu próprio sonho, tornando assim a história contada do ponto de vista da criança e, desse modo, antes de ensinar, procura interessar e divertir o leitor.

Criou para seus personagens um ambiente familiar "o sítio", onde tudo se passava com a maior naturalidade, tornando possível a eles um mundo sem limites, capaz de levá-los e de até transportá-los as mais famosas histórias dos contos de fadas europeus, e também às Terras da Grécia antiga, tantos os seus personagens quanto o ambiente em que viviam.

Buscou dessa forma trabalhar com o seu público infantil de maneira ousada, deixando de lado a linguagem literária rebuscada da época para abordar em suas histórias

---

[54] Op. Cit. 5 (p. 73).

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

uma linguagem que aproximasse mais daquela em que as pessoas falassem.

Foi assim que em toda a sua obra utilizou a intertextualidade, para demonstrar e comprovar que o nove e o velho são aliados na construção da História, não se nega o passado e sim se constrói com ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho científico é de suma importância, uma vez que se finaliza o curso superior, sendo ele parte integrante de todo o curso já conquistado.

Nesse trabalho pude comprovar toda a riqueza que a leitura exerce em nós, porque é através dela que se adquire mais facilidade na produção de texto, sendo essa uma das finalidades do curso de letras, e que me ajudou a melhorar cada vez mais a forma de compreender e interpretar.

Desde do início do VIII semestre havia grande preocupação, sobre o tema a ser desenvolvido no ensaio monográfico, sabendo que não queria trabalhar um tema direcionado à didática e sim com a literatura infantil, sendo ela a que me despertou interesse maior desde do VII semestre por haver uma preocupação com as crianças, embora eu não despreze a didática não, sabendo que ambas estão direcionadas ao mesmo objetivo.

O tema escolhido, só foi decidido depois de várias conversas sobre a literatura infantil com minha orientadora.

A orientadora soube me transportar também ao mundo encantado de toda a história, aqui trabalhada, ambas fascinada pela obra "O Picapau Amarelo" de Monteiro Lobato, sendo um escritor cosmopolita que retrata em suas histórias que tudo é possível de ser vivido, não só pelas crianças e também pelo adulto, dependendo de sua imaginação.

O desenvolvimento do mesmo foi de muito esforço e dedicação, sendo sua qualidade de ótima produção, uma vez que eu e a orientadora estávamos sempre retornando os pontos a serem alterados para uma melhorar contextualização.

Senti dificuldade não só nesse ensaio, como também em todo o curso, pelo motivo de sempre ter de trabalhar em tempo integral, ficando assim com os finais de semanas para dar atenção aos estudos, sabendo eu que uma coisa não justifica a outra, quero ressaltar o que se espera de um acadêmico é de diferente do outro.

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. São Paulo: Editora Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

BURNS, Edward McNall. História da Civilização Ocidental; tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro. 28ª ed. revista atualizada de acordo com a 4ª ed. norte - Americana. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

CADEMARTORI, Lígia. O que é Literatura Infantil. 1ª reimpressão. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A, 1995. Coleção primeiros passos. 163.

CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote. Vol. 1 e 2. Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. (Org. da Biblioteca Folha – Clássicos da Literatura Universal).

CHAUÍ, Marilena. Convite a Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1997.

KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). Literatura Infanto - Juvenil: um gênero polêmico. 2ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986.

LOBATO, Monteiro. O Picapau Amarelo. 34ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

MADDALUNO, Fernanda Bastos Moraes. A intertextualidade no teatro e outros ensaios. Niterói: EDUFF, 1991.

PAULINHO, Graça e WALTY, Ivete (Org.). Teoria da Literatura na Escola: Atualização para professores de I e II graus. Belo Horizonte: UFMG/FALE/ Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura, 1992.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura. 8ª ed.: Livraria Almedina. Coimbra – Portugal, 1994.

ZILBERMAN, Regina (Org.). Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.